

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 27

O julgamento do Barcelense

Enfermos d'alma e de corpo—horriavelmente impressionados, não era esta occasião propria para escrevermos sobre materia, que nos indigna.

Expande-se a alma, quando se pode dizer, sejam testemunhas nossos adversarios, e venham tambem nossos inimigos;—é isso verdade mas não é conforto bastante, que nos exima de obedecer ao nosso organismo.

A sentença do *Barcelense*, por falta de habilitação, estava de ha muito lavrada antes de nos sentarmos no banco dos réos, pela verdadeira opinião publica:—o resultado foi o que se esperava.

O que não se esperava era o julgamento n'aquelle dia, porque ninguem suppunha, que o homem, que tinha urdido a trama deste desgraçado processo, fosse o nosso julgador, e que tivesse a coragem para arrostar com o que podia acontecer.

Nada aconteceu;—para o que se esperava, e para o que iam preparados e resovidos, a discussão correu placida.

Logo, no principio, as considerações obrigaram-nos a modificar o nosso plano;—a nossa defeza ficou demasiadamente restricta;—e se não fora o *instrumento do crime*—o homem mais perverso, que conhecemos, talvez, não se teriam levantado a maior parte dos incidentes, que se deram.

Tinham passado incolumes todas as testemunhas da accusação, não obstante haverem jurado no summario, o que ignoravam, e não podiam saber; e o que mais é terem occultado ou fingido ignorar o que deviam dizer.

Levantou mais de um conflicto a 1.^a testemunha da defeza, que era o administrador do Concelho.

Logo á primeira pergunta que lhe fizemos, respondeu-nos com o seguinte disparate:—*que eramos seu inimigo, e que esta inimizade provinha do facto de ter elle testemunha dado uma esmolla ao papa, d'onde se via que nós eramos inimigo da religião.*

A insinuação estava conhecida, e devendo ser censurada pelo presidente do tribunal, porque nenhuma relação tinha com o

que se lhe perguntava, foi por elle apoiada, —o que deu causa, a uma replica violenta da nossa parte. Perguntado pelo juiz, se sustentavamos o que dissemos—respondemos affirmativamente e que tinhamos mais, que accrescentar.

Então o juiz entendeu, que nos devia formar processo de desobediencia e principiou a dictar, mas foi logo interrompido pelo digno delegado do Min. Pub., que mediador, activo e vigilante, via deperto as consequencias.

Mal este incidente tinha terminado, levantou-se logo outro, a que deu causa a mesma testemunha e o juiz, sendo nós ameaçado com outro processo e de marcharmos d'alli para a cadeia.

Não nos amedrentamos e affirmamos a connivencia do juiz com a testemunha na criação do *falso processo*, que nos havia levado ao banco dos réos.

Adduzimos alguns factos e foi então que se levantou energico o digno delegado do Min. Pub. e dirigindo-se ao presidente do tribunal, disse-lhe:—*que tambem era parte no processo, e que se continuassem, de parte a parte, aquellas susceptibilidades, requereria para acabar com o julgamento, que não podia continuar por tumultuario.*

Se o digno delegado pelo seu nobre proceder nos serviu a nós, ao presidente do tribunal prestou-lhe muito maior serviço, porque evitou, que nós dissessemos—quaes os motivos, porque elle não devia presidir áquella audiencia—motivos, que com praser anciavamos por dizer e comprovar com documentos que para esse fim levamos.

O triumpho do digno magistrado do Min. Pub. foi completo; á sua energia se deve o terminar-se sem outro incidente o julgamento da causa.

Nós immediatamente desistimos da *pedra de escandalo*, e bem assim dos depoimentos de todas as mais testemunhas, que eram em crecido numero, e que decerto não tinham ido alli para nos defender;—ninguem ignora, que outro era o fim.

Resumindo;—o digno o magistrado do Min. Pub. prestou immensos serviços ao presidente do tribunal, e a maneira porque se houve para conosco, deixou-nos penhoradissimo.

Sustentando a honra do convento, deu

a entender, que não era de opinião, que se formasse aquelle processo, e em frases delicadas deu a entender tambem—que mal avisadas andaram as duas auctoridades.

Obtida a palavra, fisemos differentes considerações, que não podemos levar mais longe, por já não podermos pelo cansasso.

O jury deu o *seu veredictum* por unanimidade, que foi respeitado por todos.

O tribunal esteve imponente—cheio a mais não caber, conservando-se toda a ordem, como era para desejar.

Por hoje basta.

CUNHA OZORIO

A religião catholica, dizem os espiritos fortes, é opposta ao progresso das luzes; é incompativel com a philosophia moderna e com a civilisação.—Nisto não ha sombra de verdade. A religião quer o progresso.

É a religião que nos recebe nos seus braços no momento em que entramos no mundo. É a religião que no Baptismo nos imprime na alma o caracter de filhos de Deus: é a religião que esclarece a razão, e nos grava na alma verdades, desconhecidas dos philosophos.

A religião nos convida a que entremos no seo augusto santuario, para alli nos unirmos áquelle sacrificio, que ella propõe ás nossas adorações.

Alli tomaremos na mão o calix de salvação, e faremos fallar aquelle sangue, cuja voz penetra nos Ceos, desarma a justiça de Deus, e glorifica a sua Misericordia. Alli invocaremos o adoravel nome de Deus, e o exaltaremos em toda a terra. O espirito do erro e da impiedade, cego e orgulhoso, regeita a religião catholica, religião do progresso, e porto seguro da nossa salvação, por que quer que os homens despresem a sua doutrina e recorram a Doutores que lhe satisfação os seus desejos, e fechando os olhos á verdade os abram ás fabulas—*a fructibus eorum cognoscetis eos*. Os espiritos fortes—os petroleiros querem que a revolta se communique entre o povo; querem as sedições e uma rebellião constante; querem ver as nações assoladas, e que bandos de salteadores percorram o nosso Paiz; como aconteceu a Jarosalem, que recebendo em seus muros os salteadores da Judea, á titulo

de seus defensores, a allagrarão de sangue. A religião não é opposta ao progresso das luzes; porque nenhum systema philophico pode desenvolver-se com vantagem; sem ter por base o Evangelho.

Bacon diz, a pouca sciencia ou philosophia dispoem para a impiedade; e a profundidade n'ella conduz á Religião... A religião Catholica ama as sciencias, porque é a verdade.

Se a religião não conservasse, como em deposito, nessas epochas infelizes os germens das sciencias, que seria da Europa? Onde a religião Catholica se estabelece, os povos sahem da barbaridade, da priguica, da ignorancia, da escravidão, e se tornão mais humanos, mais pacíficos e mais felizes, produzindo a Doutrina Evangelica sempre os mesmos fructos, ou seja nos climas gelados do Norte, ou nas ardentes arcias da Africa, ou seja na Europa ou seja na America. A religião Catholica devem os povos a liberdade e felicidade que gosão. É o Clero e não os Philosophos, que teem levado a religião Catholica aos confins da terra, e continuará em quanto existirem homens sepultados no paganismo e na idolatria.

A doutrina Divina em ordem ao estado futuro das almas é justiça e santidade; em ordem ao estado presente é vida ao espirito, ás sciencias e ás artes. Ella é, no dupli-

cado giro da Natureza e da Graça, uma diffusão da Mente divina, fóra da qual só se encontrão trevas e morte. A religião nos veio arrancar da idolatria, dizende-nos—amai-vos. Ora esta religião de paz, tão pura, como o seo mesmo fundador, tão grande como o infinito, mais magestosa que o oceano, trouxe ao mundo a civilização. Logo faltão á verdade os espiritos fortes, quando asseverão que a Religião Catholica é opposta ao progresso das luzes, é incompativel com a philosophia moderna e com a civilização: n'isto não ha sombra de verdade.

Os impios modernos (como diz um dos homens mais illustrados da nossa terra) — para derubarrem o Catholicismo, lizongeo as paixões e acaricião os vicios, instrumento mais efficaz e poderoso, do que o equileo empregado improficuamente por Nero, Domiciano e outros.

Muito embora diga o insipiente — Non est Deus — muito embora se conspirem o inferno e o mundo inteiro para romperem o suave jugo do Senhor, nada conseguirão. Bem nos desengana d'esta verdade o que o Espirito Sancto nos diz.

A mim disse o Senhor — Meu filho és tu: eu te gerei hoje: eu que sendo o que sou não tenho tempo, se não presente, não conheço passado nem futuro. Pede-me que eu te darei as nações em tua herança e em tua

possessão as extremidades da terra: has-de governal-as, e as esmagarás, como a basos de barro quebradiço, quando se te oppo-nham. E agora, ó reis, entendei e recebei o ensino, vós que julgaes a terra: servi o Senhor com reverencia, e alegrae-vos n'ello com temor.

Ouvi, ó povos, estas coizas, e applicae os ouvidos vós todos, que o orbe habitaes, moradores da terra, ricos e pobres. Honrar a Deus e ao proximo, eis a religião catholica.

COMMUNICADO

Sr. Redactor

Os abaixo assignados, habitantes da freguezia de Christello, tendo visto no n.º 54 do *Barcellense* de 14 de agosto, uma pequena local, em que, sob a epigraphie — *communismo em Christello* — se pretende deprimir calunniosamente o character verdadeiramente probo e honrado de seu digno Parocho, vem por este meio protestar solemnemente contra taes calumnias, e repellir com desprezo todas as affrontas, que sob a capa miseravel do anonymo, um pobre d'espirito, mas com aspirações a engraçado, se lembrou assacar contra um Parocho, por todos os titulos respeitavel.

O publico vê na referida local a obra de bobo, que quiz promover a hilaridade por meio

FOLHETIM

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre
Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Aqui cheguei felizmente a salvamento da mal succedida excursão, que com tanto anhelo eu fiz a esse nosso ninho patrio no dia 23 do corrente, quanto me não arrependo porém desse passeio, que dei!

Em razão das poucas horas, que passei na amavel companhia de meu bom Compadre, respeitabilissima Comadre, querido afilhado, e mais nobre Familia, a quem terá a bondade de saudozo me recomendar, longe de mitigar as saudades, que de todos tinha, mais vorazes e intoleraveis as sinto agora; e em lugar de encontrar um passatempo agradável, que me servisse, se não de remedio efficaz, pelo menos de allivio á melancolica, que de continuo me vexa, assistindo, como assisti, ao julgamento do *Ozorio*, só encontrei exuberantes motivos, para com mais intensidade se agravar esse meu estado mórbido.

Cheguei pois, e ainda me acho indignado, e impressionadissimo pelas tristes scenas, que prezenciei nessa celeberrima comedia, cujo protagonista foi o mais celebre ainda, nos annos das torpezas, e de escandalos de toda a especie, juiz de direito dessa infeliz comarca, vulgo o *Zina*.

Na verdade, Compadre, ha muitos annos, quasi desde adolescencia, que infelizmente conheço essa torpe sevandija, essa asqueroza nulidade, chamada *Manoel José Botelho*, por desgraça dessa comarca, deshonra e descredito da

magistratura judiciaria, ahí juiz de direito; e desde então conheço a fundo a sua capacidade intellectual, que é zero, e a moral, que é recalcitrante, e rebelde para o bem e para tudo que tiver resaiço de honestidade; apta, e feita, como de encomenda, para o mal, e para tudo quanto for iniquo, perverso e malefico. Ser juiz contra o seu accuzador; contra o homem, de quem elle é ligadal inimigo, por lhe haver arrancado a mascara da hypocrizia, e lhe haver patenteado as hediondas e saniozas ulceras mo-raes é o requinte da deshonestidade; é não só conculcar os principios mais comeziuhos da boa moral, que só tem por fundamento a virtude; como tambem provar de um modo inconcusso, que, quanto de mal desse juiz improbo e deshonesto se tem dito, está muito áquem da realidade!!

Compadre, estou convicto, e commigo as centenares de pessoas de todas as gerarchias, que assistirão a tal julgamento, que, se os forçados de *Toulon* quizessem, como divertimento, fazer um simulacro de tribunal de justiça, e nomeassem presidente d'esse acto o mais cynico, o mais abjecto, e tambem o mais boçal e intractavel dos forçados ás galés, esse desgraçado se conduziria com mais mestria nesses actos, com mais dignidade, e com menos cynismo, do que o *Zina* se conduziu n'essa celeberrima audiencia! Nunca vi, compadre, cynismo mais revoltoso e dezaforado, do que o desse miseravel e asquerozo *homunculo*! Que indignidade em todos os seus actos; que arrogante altivez, não assumia ás vezes; mas em que microcospicas pequenesas, em que humildades mais rasteiras não cahia após esses transportes de furor, assómos de ira!

E que direi, Compadre, d'aquella praga, d'aquella imprecação *chulissima*, que contra si proprio rogou, dizendo, voltado para os jura-

dos, a quem em vão queria convencer da imparcialidade, que todo o mundo lhe desconhece: *um raio venha já do ceo, e me parta?* Oh! Compadre, semelhante modo de se justificar; expressão tão *reles e chula*, nem mesmo deve ter cabimento a bordo de um *barco rebello*, desses, que nevegão *Douro acima*, quanto mais em uma boa sociedade, n'um tribunal publico, onde as palavras e acções devem ser pautadas pela siseudez, prudencia e gravidade: sim n'um forçado de *Toulon* tinham desculpa semelhantes expressões; porque o uzo do cachimbo faz a boca torta; n'um magistrado, que as diz em pleno auditorio, é indigno, é repellente tal procedimento!

Se o digno e nobre Delegado do Ministerio publico, que se conduziu com toda a imparcialidade, prudencia, e decóro, não toma a attitude, que tomou, e que revela o seu saber e gravidade, o que lhe tem grangeado tanto mais aura, e prestigio, quanto maior é o desprestigio, e desconceito do *Zina*, havião grandes escandalos, e Deus sabe, onde as coizas irião ter.....

Quando, Compadre, ouvi a imprecação do *Zina*, *um raio venha já do Ceo, e me parta*, não sei que me conteve; porque tive impulsos de gritar: «se bem que *zurros de burro* não cheguem ao Ceo, nem Deus seja vingativo. «*Sr. Zina*, peça esse merecido castigo, quando estiver em sua casa, e só, e não aqui, «que pode Deus ouvir-o, e nós sermos participantes do seu justo castigo, e o Município no «prejuizo do edificio.» Quem porém me havia de lavar este protesto, se allí não havia outro escrivão, além do que funcionava no processo do julgamento, e este não me podia tomar o protesto, que quiz fazer! Ora, se o *Ozorio* se lembra de fazer idemtico, o escrivão não podia denegar-se a isso; parece-me, que tinha todo o cabimento, que diz a isto, Compadre?

de uma lembrança extravagante; mas é uma vileza infame vir á imprensa com intento de fazer rir, calunniando pessoas, que presão a sua dignidade e que respondem em toda a parte por seus actos. Os signatarios d'esta carta, todos proprietarios, pacificos e respeitadores das leis, como o é todo o povo d'esta freguezia, occupam-se com o seu trabalho, e com elle se importão; são por tanto completamente alheios a isso que lá pela imprensa se chama *communismo, grèves, petroleo, vermelhos* & mas quando com todos esses palavrões se pretende denegrir o character do seu Parocho, a quem sinceramente respeitam, por que é por todos os principios digno de ser respeitado, então os habitantes d'esta freguezia não pôdem ficar silenciosos, nem ser indifferentes a taes infamias. Vem por tanto com toda a liberdade e força de convicção protestar contra tudo o que diz o miseravel localista, que sem duvida despeitado com a sociedade sensata por lhe não reconhecer a consideração, que exige sem a merecer, pensou que se vingava do publico inchovalhando pessoas que já mais precisarão de suborno para repollir o zangão. Pela inserção destas linhas em seu acreditado jornal lhe ficarão summamente agradecidos estes que são

De V. &

Christello 24 de Agosto de 1873.

Antonio Domingues Goncalves Membro da junta
Manoel Joaquim de Faria Carvalho
Antonio Domingues Mariz—Regedor
Manoel Joaquim de Carvalho—Juiz Eleito

O espirito de rectidão, de que faço timbre ainda mesmo para com os meus maiores inimigos, me força a dizer, que, no meu humilde entender, a antiga habilitação do *Barcellense* não podia, visto que ouve uma interrupção de 5 ou mais annos no seu apparecimento ou publicação, durar mais tempo, do que a Lei marca para a prescripção de qualquer crime praticado pela liberdade da imprensa: ora se o fiador, que segundo a Lei antiga se dava, logo que findasse a prescripção desse crime, ficava escápole, como podia ficar addicto, ou sujeito pelos crimes, que esse Periodico praticasse depois de tão longo espaço de tempo, e quando era de novo publicado, tendo caducado a antiga Lei, e vigorando uma outra?

Se é obvio, que o *Barcellense* não podia ser publicado com a antiga habilitação, é tambem certo e incontestavel, que na melhor boa fé, que por lapso unicamente, ou por erro de entendimento, é que o *Ozorio* infringiu a Lei vingente, deixando de proceder a nova habilitação, a todos os respeitos mais facil, e menos oneroza, do que a antiga.

Em vista disto, em lugar desse monstruoso, e escandalozo processo, que foi instaurado pelo *Zina* de combinação com o *Bonga*, não era mais conveniente uma advertencia, uma intimação mesmo, ao *Ozorio*, para que não continuasse com a publicação do *Barcellense*, por isso que não podia já vigorar a habilitação antiga?

Quem o negará? Só umas almas cainhas, e de *chicharro*, como do *Zina* e do *Bonga* o negarão; por que além da supina e crassa ignorancia, que no reinado da estupidez os tornaria próceres, e magnates, Arcades ambo, obcecados pela insaciavel sede da mais atroz vingança, imaginarão, que, dess'arte, estorvavão o

Antonio José de Araújo
José Ramires de Sá
Francisco José de Araujo
Manoel Antonio Moreira
Bento José de Miranda
Antonio Domingues Ribeiro
Manoel Antonio Vieira
José Antonio Vieira
Manoel José Fernandes da Cruz
Feliz José de Miranda
Manoel Luiz d'Azevedo
Joaquim José de Faria Carvalho

NOTICIARIO

Agradecimento—Recebemos o novo *Codigo de Posturas*, que a ill.^{ma} Camara teve a bondade de nos offerecer. Deixamos aqui consignado o nosso reconhecimento.

Sempre é bom fallar—Na audiencia do julgamento do *Barcellense* referimos-nos, a que se nos tinha tirado com menos escrupulo *umas cartas impressas e a pasta*, que as continha.

Acabamos de receber a *pasta*, que nos mandou o sr. juiz de direito;—agora ficamos tambem á espera das *cartas* que é propriedade nossa, e que só por *abuso de poder* nos foram tiradas.

Sou papa!—Na audiencia de sabbado dizia o sr. Faria Barboza, que o motivo a que deram principio e origem as suas desintelligencias com o redactor do *Barcellense*, foi o elle ter dado *uma esmolla para o Papa!*—E esta!—o diabo feito santeiro á ultima

apparecimento desse Periodico, que era o pezadello, que osopprimia, e o pelourinho, onde á luz da verdade tinham de ser patentes os seus vicios e iniquidades.

Compadre, creia tão firmamente, como creí no Evangelho, que, se o *Barcellense* em lugar de profligar as demazias, os excessos, e tropelias do *Bonga*, as *concussões, injustiças, malversações, iniquidades, e torpezas* innumeradas, e de todo o calibre, commettidas pelo improbo, e deshonesto *Manel Zé Zina*, dirigisse ductos do mais putrido, e nauzeante incenso a esses dois sicophantas, se os thurificasse, ainda que fosse com *assafetida*, embora esse nauseabundo cheiro offendesse o olfato de todo o mundo, para o delles seria mais agradável, que o aroma do beijoim, do estoraque, do cravo, da canella, e de quantas essencias aromatizadoras ha em *Ceilão*; sim nesse caso o *Barcellense* longe de perseguido, seria favorado, e protegido.

Errarão, como dois brutos e alarves, que são; porque com a accintoza, mas impotente, perseguição, que mãocommunados tem feito ao *Ozorio*, e ao *Barcellense*, nada mais tem feito, senão augmentar-lhes a aura e o credito, e suscitar contra si proprios uma animadversão publica cada vez mais vigorosa e tenaz; por isso que a bandeira hasteada com taõta honra, como denodo, pelos que escrevem no *Barcellense*, significa o combate da virtude contra o vicio, da probidade contra a improbidade, do que é honesto e justo contra a deshonestidade, corrupção, e injustiça.

Se a cegueira, que os dementa, lhes pode conceder momentos lucidos, que maior prova, do que acabo de expor, querem, do que a unanime decizão do jury na absolvição do *Ozorio*? Ah! que se fosse permitido o ostracismo, que

hora!—quem te não conhecer que te compre!—quem será que o tenha visto na missa?—em casa da Dorães, ou esta na administração do Concelho servindo de *lupanar*, tem-no visto muita gente;—na missa é logar onde ninguem o encontra! E generoso!—ainda outro dia, por um pobre velho lhe ficar a dever 5 réis, na taberna, que administrou, o mandava prezo para a cadeia, e foi preciso os que passavam offerecerem-se a pagal-os!—quando se perder a *religião e a moral*, vão por ella a casa do Faria Rego, que a encontra *pura e para exemplo!*

Um juramento de um homem de bem!—Na audiencia de sabbado, perguntado como testemunha, que o sr. Faria Barboza tinha prestado *juramento* se tinha estado na reunião em casa do sr. Mendanha por occasião, que se tractou de promover a felicitação ao sr. juiz de direito da comarca, respondeu —*que não!!!* D'aqui, avalie quem quizer da *moralinha* d'este villão!

Como se moralisa a comarca!—Na quarta-feira, audiencia geral, anterior á nossa, tinha de ser julgada a *Michella* do administrador do concelho, e ora nas escadas, ora na salla da entrada das audiencias estava o escrivão da administração a fallar aos snrs. jurados a favor da *tal senhora de encomenda*. Isto prova-se com os mesmos snrs. jurados, pois até se lhes exigia, que declarassem se sim ou não, para, segundo a sua declaração, se uzar da *rejeição*.

Isto é que é moralidade;—tudo o mais é historia!

A *Michella* não entrou, por não haver confiança nos snrs. jurados; pois se a houvesse não faltava a testemunha, que deu causa a adiar-se para janeiro.

outr'ora vigorou na *Grecia* onde estarião a estas horas *Zina e Bonga*? Se apesar da dependencia dos cargos, que ambos indignamente exercem, e que, qual espada de *Brenno*, lhes serve para pezar na balança dos pertendentes, e litigantes, a animadversão publica é tão geral e pronunciada contra os dois sicophantas stultos, quando largarem os cargos quando cessar a dependencia, o lodo, o lixo das ruas, será pouco para lhes ser atirado ás desbragadas caras....

Se não forão as scenas indignas, que nessa audiencia de julgamento o *Zina* promoveu, e animou; scenas, que enojarão, e quazi pozerão em desespero quantos as presenciarão, por ver rojar pela lama a toga do magistrado; que hilaridade não cauzaria a farça ridicula, que representou ahí o *Bonga*, a quem o *Ozorio* toureou tão solemnemente!

O *Pai-velho* viu-se entre a bigorna e o martello; que couzas sem nexo, que baboceiras, que puerilidades não disse elle; e que soltura de lingua, santo Deus! A regateira mais desafortada, a colareja mais descomedida não o igualão na *elegancia* dos termos. A voz de estalo do *Bonga*, a falla de sertanejo do *Zina* formarão um *duo* tão horripilante, como uma gaita de felles desafinada.

Ha um dictado italiano, que diz: *Ivecchi pazzi sono più pazzi che i giovani*, os velhos tolos são mais tolos do que os moços. O *Pai-velho* que sempre foi doudo, está mais doudo, do que um rapaz por cauza da *Michella*; por cauza della vendeu-se ao *Zina*.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Conventos e collegios em Coimbra—E' frequente, e até por ahí temos visto em alguns jornaes, dar-se o nome de conventos aos collegios de Coimbra, como se fosse uma e a mesma cousa.

Na cidade e aros existiam os seguintes conventos, por occasião da extincção das ordens religiosas em 1834.

Convento de Sancta Cruz, da ordem dos Conegos regulares de Santo Agostinho. Acha-se n'elle estabelecidas actualmete a camara municipal, o correio, a administração do concelho, e outras repartições publicas.

Convento de S. Domingos, da ordem dos Prégadores; tendo apenas principiada a reconstruir a egreja, na rua da Sophia. Pertence agora aos srs. Pintos Bastos.

Convento de S. Francisco da Ponte da ordem dos frades menores observantes de S. Francisco. E' hoje este edificio do sr. Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria, de Soure.

Convento de Sancto Antonio dos Oliveaes, da ordem de S. Francisco, da provincia de Soledade, e anteriormente da provincia da Piedade. Foi destruido por um incendio em aoute de 10 para 11 de Novembro de 1851. Existe só a egreja, que hoje é parochia, de Santo Antonio de Oliveaes; e foi reedificada a capellinha, no sitio da cella onde viveu Sancto Antonio.

Todas as mais casas das ordens religiosas n'esta cidade, eram collegios, e todas foram edificadas depois que D. João III trasladou para Coimbra em 1537 a Universidade, para as diferentes corporações religiosas aqui poderem ter collegias a frequentar os estudos.

Os collegios que subsistiam em 1834 eram os seguintes.

Collegio de S Thomaz, da ordem dos Prégadores, na Sophia; hoje pertence aos srs. Pintos Bastos.

Collegio de S. Pedro da Terceira Ordem da Penitencia, vulgarmente chamado dos Borrás, na mesma rua; o qual actualmente pertence ao sr. João Victorino de Moraes Duarte e Silva.

Collegio da Graça, dos Eremitas calçados de Sancto Agostinho, na mesma rua; servindo hoje de quartel militar.

Collegio de Nossa Senhora do Carmo, da ordem dos Carmelitas calçados, pertencente agora á Veneravel Ordem Terceira da Penitencia.

Collegio do Espirito Sancto, mais conhecido por collegio de S. Bernardo, da ordem de Cister, na mesma rua. Pertence hoje ao sr. commendador Francisco da Silva Oliveira.

Collegio de S. Boaventura, da ordeu de S. Francisco e provincia do Alemtejo, conhecidos os collegias pelo nome dos Pimentas, na mesma rua. E' agora propriedade do sr. Manoel José Ferreira Leitão.

Collegio da Sapiencia, ou de Sancto Agostinho, vulgarmente chamado Collegio Novo, da ordem dos Conegos regulares de Sancto Agostinho. Estão n'elle estabelecidos os collegios dos meninos orphãos e mais repartições da Misericordia.

Collegio de Sancto Antonio da Estrella, de capuchos da ordem de S. Francisco, da provincia da Immaculada Conceição da Beira e Minho, na rua das Fangas. Pertence ao sr. Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria, de Soure.

Collegio de Sancta Rita, vulgarmente conhecido por collegio das Grillos, da ordem dos Eremitas descalços de Sancto Agostinho. Pertence ao sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Collegio de Sancto Antonio da Pedreira, de

religiosos capuchos da provincia de Portugal; onde actualmente se acha estabelecido o Asylo da Infancia desvalida.

Collegio da Sanctissima Trindade, da ordem da Redempção dos Captivos, na rua da Trindade. Pertence ao sr. padre Manoel Siimões Dias Cardoso.

Collegios dos Militares, das ordens militares de S. Bento de Avis e S. Thiago da Espada, na rua dos Militares. Está occupado com o hospital de doentes de molestias cutaneas.

Collegio de S. Jeronymo, pertencente á ordem do mesmo nome, na rua de S. Jeronymo. Faz actualmente parte dos hospitaes da Universidade.

Real Collegio das Artes, da Companhia de Jesus. Pertence tambem agora aos hospitaes.

Collegio de S. Paulo, da ordem de S. Paulo, primeiro eremita, ou dos eremitas da serra d'Ossa, mais conhecido pelo collegio dos Paulistas, ao cimo da rua Larga. Acha-se n'elle estabelecido o Instituto de Coimbra e o seu principiado museu de archeologia.

Collegio de S. João Evangelista, vulgarmente chamado dos Loios, da ordem dos Conegos seculares de S. João Evangelista, na mesma rua. Estão n'elle estabelecidas as repartições do governo civil e fazenda.

Collegio de S. Boaventura, mais conhecido por collegio dos Venturas, da ordem de S. Francisco da provincia de Portugal, na mesma rua. Serve actualmente de casa de retenção academica, e de escola de ensino primario.

Collegio real de S. Paulo, para doutores e oppositores ecclesiasticos e seculares, ao fundo da rua Larga. Foi n'elle construido o actual theatro academico.

Collegio pontificio e real de S. Pedro, anexo á Universioade. Serve para habitação do reitor e para outras repartições academicas.

Collegio de S. Bento, da ordem benedictina. Estão hoje alli o lyceu e varias repartições do Jardim Botânico.

Collegio de S. José dos Mariannos, da ordem dos Carmelitas. Acha-se n'elle estabelecido o collegio das Urselinas.

Collegio de Thomar, da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo. Pertence ao sr. commendador José Leite Ribeiro Freire.

De religiosas existiam em 1834, e ainda existem os conventos de Sancta Clara, da ordem de S. Francisco;—de Sant'-Anna, de Eremitas descalças de Sancto Agostinho;—de Sancta Thereza, de Carmelitas descalças;— e de Sancta Maria de Cellas, da ordem de Cister.

ANNUNCIOS



AOS MESTRES PEDREIROS

A empresa edificadora Espozendense, faz publico que Domingo 31 do corrente tem d' arrematar-se em praça o seo edificio dos banhos, cuja baze de licitação para a obra de pedreiro é de 700:000 rs. As plantas, e arcamentos estão patentes para quem quizer examinar na casa do Secretario,

José Maria Taborda.

AO PUBLICO

Manoel Fernandes de Souza desta villa, tem um Talhojá á dias aberto no terreiro das Necessidades, da freguezia de Barqueiros nos dias de semana—ao Sabbado—Domingo—e terças-feiras, a preço o meio kilo de 110 rs. e pelo pezo velho 100 réis o meio kilo.

Manoel Fernandes de Souza.

NOVO TALHO

durante a estação dos banhos

Maria Luisa Lopes filha do fallecido José Antonio faz publico que vai abrir um novo talho de carnes verdes na freguesia d'Apulia, a preço o kilograma de 220 rs. e pesos velhos (dous arrateis) 200 rs.

MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e algodões de cores proprias para as mesmas. Preço commodo. Ensino Gratis.

PROCURAÇÕES

Vendem-se, no Campo da Feira, loja do sr. Pena Junior.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA DO BARCELLENSE

Assigna-se em Barcellos no escriptorio no Campo da Louça, na frente do Norte.

Preços:

Por trimestre 420 réis—Franco de porte 560 réis—Numero avulso 30 réis.

No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 30 réis por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 50 por cento;—annuncios repetidos 15 réis.

Toda a correspondencia deve vir franca de porte, legalisada e subscriptada á Redacção do BARCELLENSE.

Para os srs. assignantes quando seja d interesse publico será inserida gratuitamente.

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. DO BARCELLENSE

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.